









# HISTORIA SAGRADA

E M V E R S O ,

PELO BENEFICIADO

DOMINGOS CALDAS BARBOSA ,

Capellão da Casa da Supplicação , Soeio da  
Arcadia de Roma , com o nome de Le-  
reno Selinuntino.

---

*Terceira Impressão.*



L I S B O A :

NA IMPRESSÃO DE ALCOBIA. 1819.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

---

Vende-se na loja de João Nunes Esteves ,  
Rua do Ouro N. 234.



## A' MOCIDADE PORTUGUEZA.

**A** Simple narraçãõ da Historia Santa,  
 Americana Musa sem enfeite  
 juvenil memoria off'rece, e canta:  
**E** espera que o trabalho se lhe acceite,  
 E sem soberba voz soltar da boca,  
 Qu' o simples canto instrua, e que deleite;  
 Épica trombeta não emboca,  
 Faz soar a didatica buzina,  
 Qu' estranho termo, e fábulas não toca:  
**Com** a frase mais clara, e genuina  
 Aponta, em breves termos, á lembrança  
 O caminho, em que ás vezes não atina.  
**A's** transversaes varedas se não lança,  
 Segue o homem depois que foi creado  
 Até que foi remido: ahí descança.  
**Canta** o Povo de Deos hum tempo amado,  
 Seus principaes Varões, seus inimigos,  
 Sua virtude, e logo o seu peccado.  
**Diz** a sua fortuna, os seus perigos,  
 Os seus bens, e seus males de mistura,  
**Conta** os seus erros, conta os seus castigos.

**Ser entendida, e breve assim procura:**  
 Tudo o que diz he pura, e sã verdade  
 Da pura, e da santissima Escriptura.  
**Deseja aproveitar a Mocidade,**  
 Soccorrendo a memoria de huma sorte,  
 Qu' esqueça menos, e que mais agrade.  
**Benevolo o Leitor veja, e suporte**  
 A simples narraçãõ, em que a Poesia  
 Tem a verdade só por guia, e norte.  
**Talvez o rosto seu se encubriria,**  
 Entre figuras vãs se eu as pintasse,  
 E os seus passos assim confundiria:  
**E talvez c'os enfeites occultasse**  
 Dos homens o progresso em véo escurr  
 Qu' a Memoria já mais desembrulhasse.  
**Julguei este caminho o mais seguro,**  
*Preze-se quem quizer de ser enigma;*  
 Qu' eu fazer que m'entendaõ só procuro.  
**Ha gente, eu bem o sei, que desestima**  
 O verso sem rodeio, ou voz estranha,  
 Qu' exquisito conceito assim exprima.  
**Quem aos Astros não vòa, não se entranha**  
 Nos frondigeros bosques, e não ara  
 Cerulea onda, que Carybdis banha;  
**Por mais que em termo proprio, em frase clara,**  
 Sonora, facil voz, doce harmonia,  
 O Ceo, a Terra, os Mares explicara;  
**Terrivel detractor não acharia,**  
 Qu' a seus versos, assim pouco estrondosos  
 Devesse o nome dar de Poesia:  
**Fallem os Aristarchos orgulhosos:**  
 Eu sei Ode o que he, o que he Idyllo:  
 Quaes de hum Poema os termos gloriosos.



Sei distinguir Ovidio de Virgilio ,  
E sei o que he narrar algum successo ,  
Ou as façanhas dos Heróes do Ilio.  
Não quero mais louvor que o que mereço :  
Sou homem , posso errar : fujo á vaidade ,  
E sempre compaixão aos Sabios peço :  
Meu fim he instruir a Mocidade.





# HISTORIA SAGRADA

## EM VERSO.

**H**Um Deos Immenso, hum Deos Om-  
 nipotente,  
 Qu' em si mesmo habitara eternamente,  
 Hum só na Essencia, nas Pessoas Trino,  
**O** Pai, o Filho, e seu Amor Divino,  
 Iguaes todos em Hum, sem precedencia  
 No proprio Ser, na propria Omnipotencia,  
 Deos de tudo, e de todos Deos bemdito,  
 Que principio não tem, que<sup>o</sup> he infinito;  
 Só a sua vontade consultando,  
**E** seu designio eterno executando,  
 Quando do Mundo a fabrica ordenou,  
 Creando o Ceo, e a Terra começou.

Era a Terra hum montão vasio informe,  
 Cobriaõ trevas esta massa enorme,

O Espirito de Deos, que isto actuava  
 Sobre as voluveis agoas revôava,  
 E aquelle, a cuja voz tudo respeita,  
 Manda se faça a Luz, e a Luz he feita.  
 Separa-la das Trevas principia,  
 As Trevas são a Noute, a Luz o Dia.  
 Foi do Mundo o primeiro Dia aquelle,  
 E a ordem para os mais se dispôz nelle.

Creou, e chamou Ceo ao Firmamento,  
 E fez das agoas sabio apartamento:  
 Humas a baixa Terra estão cobrindo,  
 As outras sobre as nuvens vão sobindo:  
 Ninguem sabe onde estão, se ha onde espraiem;  
 Se estão suspensas, ou se em chuvas cahem  
 A mão que humas sosteve, outras erguia,  
 Este o trabalho do segundo Dia.

Segue o terceiro Dia em que juntára  
 Agoas da Terra, e Mares lhe chamára;  
 Hum limite lhe impoem determinado,  
 E a voz Divina as tem encadeado:  
 Enxuga a Terra, manda-a ser fecunda  
 Em plantas, flores, fructos, de que abunda.  
 A' voz do Creator tudo obedece  
 Tudo brota da Terra, e tudo cresce;  
 O duro tronco, e a molle, e branda herva  
 Tudo a propria semente em si conserva,  
 E em seu genero proprio propagando  
 Seguem do Auctor da Natureza o mando.

De esplendor radiante, e luzes bellas

Creou ao quarto Dia Astros, e Estrel'as,  
 Qu' em concertado gyro se seguissem  
 E as Estações, e aos Annos assignarem.  
 Dois grandes Astros muito mais brilhantes  
 Accrescentou aos que criara d'antes;  
 O Sol para que o Dia governasse,  
 E a Lua, porque a Noite alumiasse.

Peixes, e Aves creou ao quinto Dia:  
 Povôa o Ar, povôa a Onda fria:  
 Deo brandas pennas ao que cruza os ares,  
 Pelle escamosa ao que vadêa os mares:  
 Os Peixes cresçaõ n'agoa, que os encerra,  
 E as Aves multipliquem sobre a terra:  
 Deos que os tem creado os abençôa,  
 O Peixe nada, o Passaro já vôa.

Ao sexto Dia em fim povôa a Terra  
 Des variados Animaes, que encerra:  
 Manda que cresça, e multiplique a casta  
 O que marcha c'os pés, e o que se atrasta.

Já satisfeito o Omnipotente Au'tor,  
 Quiz dar ao Mundo hum proprio Possessor  
 A Sabia, Eterna essencia Una, e Trina,  
 A creação do Homem determina:  
 Façamos (disse o Deos que respeitamos)  
 O Homem, e bastou dizer Façamos:  
 O Homem fórma á sua semelhança,  
 Anima-o de seu Sopro, e entaõ descança.

Sabio, sem precisar de algum estudo,

Este Homem dá o proprio nome a tudo ;  
 Aos mansos animaes ; aos de fereza  
 O nome indica a propria natureza :  
 Deos lhe ordenou que tudo governasse,  
 E tudo obediente o respeitasse.

Hum fertil Paraiso delectoso  
 Já Deos lhe preparára cuidadoso ;  
 Copados troncos, e viçosas plantas  
 Rega o Rio, que tem quatro gargantas ;  
 Embalsemaõ o ar as lindas flores,  
 Fazem seu côro aligeros cantores ;  
 Brandas as estações, sempre propicias,  
 Paiz de paz, abrigo de delicias :  
 Vaõ Lobos, e Cordeiros de mistura,  
 Nem a Pomba do Açor fugir procura :  
 Cabe a tempo do Ceo fecundo orvalho ;  
 Colhem-se os fructos sem algum trabalho ;  
 Alli cresceo essa arvore da vida,  
 A da Sciencia alli se vio crescida.

Essa foi a magnifica morada  
 Para o primeiro Homem preparada ;  
 De tudo possessor livre, absoluto,  
 Só lhe he vedado o portentoso fructo  
 D'arvore bella, que em seus pomos tem  
 Virtude de saber-se o mal, e o bem.

Adaõ, o nome foi ao Homem dado,  
 Qu'indica o barro, de que foi formado :  
 De propria companhia elle carece,  
 E Deos para lha dar o adormece:

De huma propria porção lhe fórma aquella  
 Esposa, que lhe deo graciosa, e bella.  
 Adão acorda: abraça entre alvoroços  
 Carne da carne, e ossos dos seus ossos:

Mas esta santa paz, em que se unirão  
 Que pouco tempo (ai tristes!) possuirão!  
 A enganos do Demonio ambos provarão  
 O prohibido pomo ambos peccarão:  
 Dalli nos vem a mancha original,  
 Que só nos lava o banho Baptismal.

Vá presumpção, estolida vaidade  
 Segunda vez te oppões á Divindade!  
 Por ti Lusbel seu esquadrão rebella,  
 Por ti santo preceito se atropella;  
 Por ti o Inferno fôra povoado;  
 Por ti vai ser o Mundo desgraçado.

Conhece o triste Adão o mal, que fez,  
 Envergonha-o a propria desnudez:  
 Vai dos ramos das arvores cobrir-se,  
 Tremendo á voz de hum Deus, que faz ouvir-se.  
 Co' a enganada esposa se desculpa;  
 Mas propria transgressão he propria culpa.  
 A criminosa Eva consternada  
 Em vão quer protestar fôra enganada:  
 Deo vaidosa attenção á vil serpente;  
 Comeo; quiz ser divina; he delinquente.  
 Tambem o sagaz monstro se castiga:  
 Virá santa Mulher, sua inimiga;  
 De seus virgineos Pés será calcado;

E a andar sempre de rojo he condemnado.

Nossos primeiros criminosos Pais  
 Mandão ao Justo Deos baldados ais:  
 A sentença a intimar de seu Senhor  
 Daixa dos Ceos o Anjo vingador;  
 E estabos do Paraiso desterrados  
 São a duros trabalhos condemnados:  
 E a marchaõ por asperos caminhos,  
 E a esse trabalho os campos são mesquinhos,  
 E a a Terra Adaõ com seus suores,  
 E o ser Mãi custa a Eva acerbas dores.

O seu primeiro filho foi Caim,  
 Depois Abel, que teve infausto fim  
 Pelas mãos do Invejoso Irmaõ malvado,  
 Que não o soffre vêr abençoado.

De vindouro Innocente era a figura  
 Este, a quem fero Irmaõ deo morte dura:  
 Treme a terra de horror do Fratricida,  
 Vendo a primeira vez truncar-se a vida:  
 Mal soffre o pezo do cruel tyranno,  
 Que primeiro a ensopou de sangue humano:  
 Do remorso accusado elle se esconde,  
 Mas aonde esconder-se a hum Deos? aonde?  
 Impio, o teu crime em ti vai ser punido,  
 Além de ser aos filhos transmittido.

Nasceo depois da morte deste Abel  
 Seth de que Enós, Cainan, Malalael,  
 Jared, e Henoc, e outros muitos vem,



E o longo vividor Mathusalem,  
E Lamech, e Noé justo innocente  
Que deo a erma terra nova gente.

Sim, o justo Noé foi perservado  
Da ira com que hum Deos quiz ser vingado:  
Arca mysteriosa, e desmedida  
Da innocente familia salva a vida:  
De toda a especie de animaes que escolhe  
São salvos os casaes que alli recolhe:  
Chove agoa do Ceo, abrem-se as fontes,  
Cobrem-se de agoa os mais erguidos montes:  
Diluvio universal alaga a terra,  
Morre tudo o que a Barca não encerra.

Já das agoas parou o horrendo estrondo,  
Brandos ventos a terra vão compondo:  
Solta-se huma ave e torna achando estorvo  
Depois vai e não vem ávido corvo:  
Sahe a pomba outra vez que foi primeira,  
Traz no bico a pacifica oliveira;  
As portas abre o santo Patriarca,  
E quanto recolhêra desembarca.

Sem, e Cham, e Japhet ao Pai seguirão,  
E ao Deos seu Bemfeitor graças rendião.  
Vai ser de novo o Mundo povoado  
Pelos Filhos de hum Pai abençoado:  
Destinados a partes differentes  
Sem vai dar á Chaldéa novas gentes;  
Toca a Japhet a Europa, elle a povôa;  
E Cham, a quem o Pai amaldiçôa,

**P**orque delle sem siso escarnecêra ,  
 Africa povôou adusta , e fera :  
 Filho insolente que zombaste , e riste  
 Do santo Pai , que descomposto viste ;  
**P**ara vingança de hum tamanho agravo ,  
 Terás por descendencia hum Povo escravo.

Os Netos de Noé multiplicados  
 Crescem em vicios , crescem em peccados.  
 Temem das soltas agoas o castigo ,  
 E intentão evadir-se a hum tal perigo ;  
 Levantaó pasmosissima estructura ,  
 Que toque os Ceos com a arrogante altura.

O Deos , que não se ostenta sempre irosô ,  
 E ás vezes c'os mortaes zomba piedoso ,  
 Deixa que os homens vão, loucos, e insanos ,  
 Se affadiguem assim baldados annos :  
 Nem dos raios se arma vingadores  
**P**ara atefrar os nescios constructores :  
 A lingoagem geral diversifica ,  
 Não se entênde o que hum ao outro explica :  
 Da presumpçosa pertendida gloria  
**A** incompleta Babel fica em memoria ;  
 E os homens em lingoage assim diversos  
 São constrangidos a viver dispersos.

De Sem , Abrahão , e Loth são descendentes ,  
 Qu' á santa voz de Deos obedientes ,  
 Vão de Ur habitar campos estranhos ,  
 E em Chanaan repartem seus rebanhos.

Loth ás Leis do Senhor sempre ajustado  
 He de hum novo castigo exceptuado ;  
 Quando á infame Gomorrha , á vil Sodôma  
 O fogo vingador de hum Deos assoma ,  
 Hum angelico Nuncio o avisára  
 Que da Cidade iniqua se affastára ;  
 E fôra a elle , e á familia imposto  
 Que não voltassem mais atraz o rosto.  
 Ai ! que do aviso angelico esquecida  
 Olhou a esposa , e em sal he convertida.  
 Nescias filhas , cuidando não havia  
 Mais geração humana e se perdia ,  
 Nescias filhas o Pai embriagarão ,  
 E d'elle concebêrão , e gerárão.

He Abrahão na Chaldéa conhecido ,  
 Tem-no as suas virtudes distinguido.  
 Acceita a sua fé , e o seu incenso  
 Deos , que o destina Pai d'hum Povo immenso,  
 Patriarca do Povo mais amado ,  
 Foi por Melchisedech abençoado.

De sua serva Agar teve Ismael ,  
 De quem descende hum Povo hoje infiel :  
 Sara , julgada esteril , sua esposa ,  
 Lhe dá no santo Isaac prole ditosa.

Quiz Deos tentar de Abrahão a fé segura ,  
 E nesta tentação a fé lhe apura :  
 Do seu Isaac amado não duvida  
 Sacrificar a seu Senhor a vida ,  
 Nem lembra a seu Senhor sua promessa ,

E o sacrificio a preparar começa :  
 A natureza soffocou seus ais  
 Qu' a fé do homem justo pôde mais :

Figura de hum Deos Filho obediente  
 Ao alto Moria Isaac sóbe contente :  
 Carrega aos hombros seus feixe pezado  
 Ao proprio sacrificio destinado :  
 Outra victima pois não se procure ,  
 Sahe da bainha a rigida secure :  
 Co' as mãos atadas a cabeça inclina  
 O moço , a quem hum Deos tanto destina :  
 Tem o paterno braço o golpe alçado ,  
 Sustem-no o Deos que a té lhes tem provado :  
 Cordeiro achado alli se sacrifica ,  
 E a alliança de Abrahaó firmada fica.

Já lá vai derramar propicio o Ceo  
 Perennes bençãos sobre o povo Hebreo :  
 O que nasce varaó he circumciso ,  
 Da alliança de Abrahaó sinal preciso.  
 Ceremonia da Lei, que a Lei guardára ,  
 Até que hum homem Deos a Lei mudára.

Este Isaac por seu Deos abençoado  
 Foi inda mais que o Pai rico , abastado :  
 Amou Rebeca , sua cara esposa ,  
 Da sua mesma stirpe virtuosa.

Do consorcio , que esteril suppuzeraó ,  
 Esaú , e Jacob juntos nascêraó ;  
 Este já pelo pé o Irmaó segura

Qual disputando a primogenitura.

A fome a quanto obriga! Cruel fome,  
 Q' a muitos faz perder o brio, e o nome!  
 Vende Esaú, só porque a não soffrêra,  
 A primazia que ao Irmaão tivera:  
 Temperadas lentilhas o illudiraõ,  
 E o segundo em primeiro instituiraõ:  
 A cabeça inclinemos aos mysterios  
 De que tira, e que dá os bens, e imperios.

Terna Mãi quer Jacob abençoado,  
 E vai o cégo Pai ser enganado.  
 Cubrindo as mãos com o caprino pêllo  
 Jacob finge do Irmaão o hirsurto vélo  
 A benção de primeiro assim alcança  
 Do santo Pai, que em paz depois descança.

Este Jacob fiel, que Deos guardára  
 Para Pai da Nação, que tanto amára,  
 Só a Mesopotamia se encaminha  
 A esposa a procurar, que lhe conyinha:  
 Da filha de Labaão o doce encanto  
 Lhe inflamma o coração em amor santo:  
 Pedio humilde, e pacteou submisso  
 O preço de sete annos de serviço.  
 Ganhára assim Rachel formosa, e bella;  
*Porém o Pai, usando de cautella,*  
*Em lugar de Rachel lhe dera Lia.*  
 Jacob outros sete annos principia  
 Novo merecimento começando,  
 E soffre, e serve, e espera, e vai amando,

Parecendo-lhe o vèlla a si unida,  
*Para taõ longo amor mui curta a vida.*

Elle vio humilhados os Hebreos  
 Seguir o mando, e a Lei dos filhos seus:  
 Deos lho prediz na portentosa escada,  
 Que desde a Terra aos Ceos vira elevada.

José foi de Rachel o filho amado,  
 De seus proprios Irmãos sempre invejado:  
 Do amor do terno Pai lhe fazem crime,  
 E nenhum soffre que elle tanto estime:

A raiva dos Irmãos mysteriosa  
 Contra a innocencia se ostentou teimosa:  
 Cada virtude nova, he nova culpa:  
 Vem nelle em vez de Irmaõ hum inimigo,  
 E já se vota sobre o seu castigo:  
 Morra, foi a sentença, e em fundo poço  
 Vai sepultar-se o innocente moço.  
 Falla o remorso, e o remorso attendem:  
 A cautellz votou: Venda-se, e vendem.

Qual foi a dor do Pai, quando assustado  
 Vio do filho o vestido ensanguentado!  
 Preparadas palavras não sinceras  
 Fazem suppor que foi pasto das fêras.  
 Como pudestes, crueis filhos, tanto  
 Dos olhos paternaes soffrer o pranto?  
 Vosso pranto fingido detestemos,  
 E o innocente escravo seguiremos.

**À Ismaelita Mercador vendido,**  
 Vai ser de Putifar servo escolhido:  
 Da sua gentileza enamorada  
 Infida esposa, a grandes vícios dada,  
 Em voraz chamma sensual ardia,  
 E co' a vista, e co' as vozes o allicia:  
 Aos crimes o convida, elle lhe escapa,  
 E na raivosa mão lhe deixa a capa.  
 Em vão lhe grita, em vão o ameaça,  
 Que José ama da pureza a graça.  
 Mal soffrendo baldar-se esta violencia,  
 Volta a infame o rancor contra a innocencia:  
 Toma o odio o lugar do amor que exclue,  
 E áquelle, a quem amára, accusa, argue:  
 Acredita-se a queixa mentirosa,  
 José soffre a prizaõ triste, e horrorosa:  
 Dois socios tem no carcere medonho,  
 Cujas sortes o Ceo mostiara em sonho:  
 Inspirado por Deos elle he que explica  
 As visões que o successo verifica:

Das vacças, e as espigas na figura  
 A fome vio marchar, vio a fatura,  
 Q' a sete, e sete annos vão no Egypto  
 O Povo contentar, deixá-lo afflicto:  
 Deo elle ao Rei a sabia providencia  
 De fazer que a abundancia sirva á urgencia:  
 O Rei o escuta attento, o Rei lhe entrega  
 As redeas do Governo, e em paz socéga.

Passaõ os sete annos venturosos,  
 Q' enchem do Egypto os campos deleitosos:  
 Mas estereis, e seccoos, e myrrhados

Os tornaõ logo os annos desgraçados  
 Torrou o ardente Sol a sementeira  
 Tem a foice ferruge, e pó a cira.  
 Enceleirados restos da abundancia  
 Que preveníra a sabia vigilancia  
 Com hum regimen provido, e distincto,  
 Vai o Povo tartar pobre, e faminto:  
 Da mão deste Ministro providente  
 Vem receber o paõ remota gente:  
 He dos Póvos seguido, e respeitado,  
 E de seus Irmãos mesmos adorado,  
 Bem como víra já feixes de trigo,  
 Q' em sonho foraõ vaticinio antigo.

Vejo a traça de amor com que os surprende  
 Quando o pequeno Benjamin lhes piende:  
 Sigo do Velho Pai trémulos passos,  
 E ós filhos de Rachel vejo em seus braços.  
 Esquece o crime, e o pezar antigo,  
 Vejo de Irmãos o ajuntamento amigo:  
 Os filhos de José o avô abraçaõ,  
 E mais de amor os vinculos se enlaçaõ.

Entaõ o justo Velho impondo as mãos  
 Sobre os filhos do filho, e déz Irmãos  
 Das Tribus o successo prognostica,  
 E mil futuras cousas mais explica.  
 Prediz que a digna stirpe de Judá  
 O Sceptro do seu Povo empunhará,  
 Até vir o das gentes Desejado,  
 E morre tendo assim prognosticado:  
 Este de hum Homem Deos sombra, e figura



Guardou o Hebron em digna sepultura.

José que a seus Irmãos honra, e soccorre  
A' vista delles socegado morre:  
A Terra promettida agora alcancem,  
Pede que os ossos seus nella descancem:  
Assim depois Moysés o executára,  
E á Tribu d' Ephraim os entregára.

Ao Rei, que honrou José, Rei generoso,  
Succedeo outro avaro, e revoltoso:  
Perseguindo aos fiéis Israelitas,  
Rouba os filhos do peito ás Mães afflictas,  
Para os lançar no caudaloso Nilo,  
Tem ao Povo rancor, quer destruillo.

Deos vigia na vida de Moysés,  
E com prodigios respeitado o fez:  
Na Carça lhe apparece luminosa,  
Ineffável favor que elle só goza:  
He do Povo de Deos o chefe, e o guia,  
O mesmo Deos ao Rei cruel o envia:

Das déz Pragas assusta c' os estragos  
Ao Rei tyranno, aos mentirosos Magos:  
O poder do seu Deos mostra infinito,  
Celebra a santa Pascha, e sahe do Egypto:  
Do irado Pharaó, que via perto  
Salvou os seus por entre o mar aberto,  
Q' outra vez suas ondas reunindo,  
Cobre o Egyptio feróz, que o vem seguindo.  
Do suave Manná, chuva do Ceo,

Se nutre no Deserto o povo Hebreo :  
Em paz assim , em paz se conduzia ,  
E luz celestial o dirigia.

Duro penedo , que Moysés tocára  
Com a fatal prodigiosa vara ,  
Brota larga torrente de agoa pura ,  
Que farta a sede ao Povo que murmura.  
Sôbe Moysés ao Sinai sagrado ,  
Troa de hum lado o Ceo , e d' outro lado ,  
E á flama do relampago que espanta  
As Taboas recebeo da Lei mais santa.

Em suas mãos lhas entregára Deos ,  
Q' lha manda guardar , e dá-la aos seus :  
Preceitos por hum Deos dados , e feitos ,  
São os da santa Lei , santos preceitos.

Qual porém de Moysés o horror seria  
Ao ver o Povo , a que esta Lei trazia ,  
Apéstado do antigo Egepcio erro ,  
Alegre idolatrando aureo bezerro !

Muito o varaõ fiel muito se enoja ,  
Quebra as Taboas da Lei , e ao chaõ arroja :  
Ao Povo não tardou justo castigo ;  
Mas ouve a contriçaõ hum Deos amigo.  
Empenhando Moysés sua privança  
Novos favores para o Povo alcança :  
Traz outra vez aos Póvos ja constrictos  
Os dez preceitos por seu Deos escriptos.  
Seu Deos em sua gloria lhe apparece

Tanto o Servo fiel , tanto merece !  
E a visão que tivera gloriosa  
Lhe poem na frente marca luminosa.

A nova Lei o Israelita aceita ,  
E huma nova alliança assim he feita,  
Huma Arca , hum Tabernaculo , huns Levitas  
Guardão palavras por seu Deos escriptas.

O Povo , que então fôra perdoado ,  
Torna a ser criminoso , e castigado.  
Hum socio acha Coré , acha outro socio ,  
Que disputem a Araó o Sacerdocio :  
Abie-se a Terra em bocas que o sepultaõ ,  
E a Dathan , e Abiron que a Araó insultaõ :  
Moysés acaba a sua santa vida ,  
Sem ver a Terra ao Povo promettida.

O forte Josué lhe succedeo ,  
Que o Povo governou , e defendeo.  
Vendo-o parou o rapido Jordaõ ,  
E a forte Jericó desceo ao chaõ :  
O Sol á sua voz se vio detido ,  
E elle o paiz conquista promettido.

Este Povo escolhido , Povo amado ,  
He por proprios Juizes governado :  
Occupa este lugar santo , e primeiro  
Othoniel que o livra ao captiveiro :  
Faz observar a Lei , e a Lei observa ,  
E em longa paz o Povo assim conserva.  
Ordena o Ceo que lhe secceda , e siga

Aod que o Moabita Rei castiga,  
 Débora, que os futuros sabe ler,  
 Vai o Povo julgar, e defender;  
 Foge do seu valor impio Sisara,  
 E do ousado Baraach que a acompanhára.  
 Os Hymnos ella entôa de honra, e graças  
 Ao Deos, que refreou crueis desgraças.

Gedeão livra o Povo Israelita  
 Do cruel oppressor Madianita;  
 Chefe d' hum Povo do seu Deos amigo,  
 Arrosta ousado o perfido inimigo.  
 Na terrivel manhã de accommettêllo  
 Prodigioso orvalho cobre o vello,  
 Que sobre enxuto campo elle estendêra,  
 E enxuto o campo está como antes era.  
 Este prodigioso o afflicto Povo anima,  
 Signal expresso de que o Ceo o estima.

Com milagrosa escolha de soldados  
 Faz fugir seus contrarios destroçados;  
 Com ferro vingador talha, e degola,  
 Os Idolos abraza, a Terra assola.

Succede Abimelech, o criminoso  
 Que quiz de Rei o titulo vaidoso,  
 E para ter de Rei Sceptro, e Corôa,  
 Dos seus Irmãos o sangue não perdôa:  
 Fere-o mulher ousada, e prevenida,  
 E elle aborrece em fim a propria vida,  
 Assim de Gedeão acaba o filho,  
 Que não seguiu do Pai o heroico trilho.

Thôla, que he digna prole de Issachar  
 Vai os supremos cargos occupar :  
 De Jair a infeliz judicatura  
 Passa em dias de dor, e de amargura ;  
 Fôra este hum castigo merecido  
 De hum Povo, que a seu Deos tem offendido.

Jepté que á grande empreza o Ceo destina,  
 Deixa o uso da sordida rapina,  
 Deixa em paz os incautos passageiros,  
 E a tropa abandonou dos Bandoleiros:  
 Deve tomar hum nobre officio novo,  
 E defender, e governar seu Povo:  
 Quando ao fero Asmonita elle accommette,  
 Promette ao Ceo, nem sabe o que promette:  
 Apenas sua espada relampeja,  
 Hoste inimiga foge da peleja,  
 E por entre a cohorte amedrentada,  
 A victoria lhe vai abrindo a estrada;  
 Da bainha co' a espada as mortes sahem,  
 Mil á direita, mil á esquerda cahem,  
 Mas que importaó os louros da victoria  
 Se ha de sellar com pranto a sua gloria?

Tinha votado ao Ceo se a conseguisse,  
 O que primeiro de sua casa visse:  
 Dos alegres soldados vencedores  
 Vai precedido em triunfaes clamores,  
 Co' estandarte de Amon vencido, e roto,  
 Das victorias ao Deos cumprir seu voto.

Terna filha saudosa apressa os passos,

Do Pai triunfador correndo os braços :  
 Pela primeira vez tremeo Jepté ,  
 Qu' affronta a morte , quando a morte vê.  
 Laços do sangue , voz da natureza  
 Obrigão ao Heroe mostrar fraqueza.  
 Jepté que o medo , e susto não conhece ,  
 Afasta-se , vacila , desfalece :  
 O elmo ao chaõ arroje , e rasgue o manto ;  
 Mas satisfaça ao Deos tres vezes Santo :  
 Vai a Donzella á morte preparar-se ,  
 A Deos se prometteo , a Deos vai dar-se.  
 Tu revoltosa Tribu espera , espera ;  
 Qu' em ti se vai fartar vingança féra.

Abezan , que he da Tribu mais fiel ,  
 Tem depois o governo de Israel.  
 A Ailon , que se seguio , Abdon succede ,  
 Cuja opulencia , e prole aos mais excede :  
 Tambem julga a Israel Sansaõ valente ,  
 De forças sem iguaes , de genio ardente ,  
 Nazareno' fiel dado por Deos ,  
 Para punir soberbos Philisteos :  
 Ainda imberbe o moço valeroso ,  
 Já tem nome terrivel façanhoso ;  
 Acaba ás suas mãos Leaõ sanhudo  
 A's suas mãos que fazem tremer tudo.  
 Armado só de hum descarnado osso ,  
 Ao campo Philisteo leva o destroço ;  
 Aquelle em quem a mão pezada acerta ,  
 Cahe em somno mortal , nem mais desperta :  
 Portas de Gaza , vós entre os assombros  
 Hum leve pezo fostes a seus hombros :

Hum vez enganado acha motivo  
Para hum furor continuo, e vingativo:  
Por atadas rapozas manda a chamma,  
A's searas do povo, que desama:  
Zomba dos ferros, das muralhas zomba,  
O ferro quebra, e a muralha tomba.

Mas amor o trahio. Dalila infida  
Vende do amante aos Philisteos a vida:  
Com falso zelo, alto segredo alcança,  
Corta-lhe astuta a virtuosa trança,  
Assim traidora aos Philisteos o entrega,  
Quando em seus braços elle em paz socéga.

A' improvisa confusa vozeria  
Sansaõ acorda, e erguer-se pertendia;  
Por mais, porém, que os laços puxe, e torça,  
Naõ tem para os quebrar a antiga força.

Havido o seu contrario em segurança,  
Votaõ os Philisteos sobre a vingança.  
Qual de raiva frenetico delira,  
E qual de medo ainda mal respira.  
Do subjogado Heroe hum movimento,  
Faz assustar-se o Consistorio attento.  
Os votos da vingança se ajustáraõ,  
E cruelmente os olhos lhe arrancáraõ.

Do cégo Nazareno se escarnece;  
Mas cresce o tempo, e o cabello cresce:  
Vem do castigo as horas opportunas,  
Com hum abraço arranca altas columnas:

Cahe a pezada abobeda por terra ,  
Morre Sansão , e os mais que o Templo encerra.

Vem da raça de Aaraão Helî sagrado ,  
A quem de Deos o povo he confiado .  
Tem de santos costumes a innocencia ,  
Mas he sobeja em fim sua indulgencia .  
Sendo extremoso Pai , frôxo Juiz ,  
A sua geração torna infeliz :  
Perde em castigo os filhos revoltosos ,  
Roubaõ-lhe a Arca os Philisteos vaidosos :  
Destes tristes successos com horror  
A vida acaba Helî em magoa , e dor .  
Temei o Pai do Povo homens unguidos ,  
Vossos desleixos são assim punidos .

Deste governo vem marcar a méta ,  
O justo Samuel , santo Profeta .  
Por elle o Philisteo foge vencido ,  
E fica em paz o Povo perseguido :  
De trabalhos , e annos carregado  
Tem seu poder nos filhos delegado ,  
Qu' os passos não seguindo ao santo Pai ,  
Do mando a redea d'entre as mãos lhe cahe .

O Povo dos Judeos hum Rei deseja ,  
E em vão espera a paz , que ao longe adeja .  
Samuel o poder Real lhe indica ,  
E dos Vassallos o dever explica :  
Querem assim hum Rei , hum Rei lhe he dado :  
Cahe a sorte em Saul , foi Rei sagrado .



Co' a nova auctoridade distrahido ,  
Esquece-se de Deos , de Deos o ungião.  
Saul he de seus crimes castigado ,  
E he de espiritos maos atormentado.  
Fere o moço David harpa sonora ,  
E ao virtuoso som o Rei melhora.  
Parece que supplica a Deos clemencia ,  
Mas he pouco sincera a penitencia :  
Sempre em varias moções diversifica ,  
A hum mesmo tempo segue , e prevarica.  
Ingrato , e infiel ao Povo , e a Deos ,  
Cahe morto aos pés dos impios Philisteos.  
Jaz o truncado corpo envolto em sangue ,  
Mostrou Bethsan sua cabeça exangue.

David , que o Povo seu já libertára ,  
Qu' o desmedido Goliath matára ,  
David a quem Saul honra , e festeja ,  
Quando o monstro infiel no chaõ baqueja :  
David de Michol regia , o digno esposo ,  
Assim tão sabio , como valeroso ;  
Por mãos de Samuel sagrado , e ungião  
Ao Throno de Judá se vê sobido.

Propicio hum Deos em seu favor se mostra ,  
A espada alçou , Jerusalem se postra ;  
Sobjuga a Assiria , vence os Moabitas ,  
Castiga os descortezes Amonitas :  
E paz vio , que estendendo as largas azas ,  
Apagára da guerra as vivas brazas.

Da linda Bersabeth enamorado ,

Peccou contra o Senhor que o tem salvado ;  
 E estragando honra , e vida ao forte Urias ,  
 Nathan lhe vaticina tristes dias :  
 Nem demora o castigo o justo Ceo ,  
 E hum' apôs outro mal David soffreo :  
 Elle vio com horror , e com pezar ,  
 Torpe incesto de Amon , e de Thamar.

Nas azas da ambição rapido vôa  
 Ingrato Filho a usurpar-lhe a Crôa ,  
 Mas vencido Absalaô , e fugitivo ,  
 Das lindas tranças pende semivivo :  
 O falso coração se lhe sangrou  
 Co' a setta , que Joab lhe arremeçou.  
 Assim mesmo David he inda amado ,  
 E escolhe a penitencia ao seu peccado.

Deixa a Guerra , e a Fome , e escolhe a Peste  
 O seu castigo ( assim o roga ) he este :  
 A penitente voz nos Ceos ressôa ,  
 E o piedoso Deos ouve , e perdôa.

De Berzabeth foi Salamaô nascido ,  
 Sagrado por Sadoc , e ao Throno erguido :  
 Em vaô féro Adonias meditara ,  
 Roubar-lhe o Sceptro , e Rei se nomeára ,  
 O Povo a Salamaô só obedece ,  
 E seu natural Rei o reconhece.

Volta a Adonias , e a Joab a furia ,  
 Vingam em Semei a alheia , e propria injúria :  
 Nem serve o Templo para os máos de abrigo ,

Qu' apraz a hum justo Deos justo castigo :  
Ergue o Templo que o Pai ja projectára,  
Obra que para elle o Ceo guardára.

Hum Deos , que para elle attento olha ,  
Largos bens , graõ saber lhe offrece à escolha ;  
A sciencia escolheo , teve sciencia ,  
E o Mundo mais não vio tanta opulencia.  
Prestes á sua pompa vem servir ,  
Cedros do Libano , e metaes de Ophir :  
E á sabia decisaõ , ao sabio voto  
Concorre a gente de paiz remoto.

Mas este sabio Rei , ( quem o diria ! )  
Nos erros resvalou da idolatria :  
Foi por Deos arguido , e entaõ desperta ,  
Mas sua penitencia he inda incerta.

Succede Roboaõ , nescio , imprudente ,  
De hum genio presumpçoso , vaõ , e ardente ,  
Que segue a moços vãos , verdes conselhos ,  
E a voz suffoca a sasonados velhos :  
Do seu jugo déz Tribus se separaõ ,  
E á raça de David renunciaraõ ,  
Foi predicçaõ do Ceo : assim se elege  
Rei a Jeroboaõ que as manda , e rege.

Este Povo scismatico , e seus Reis  
A seu Senhor ingratos , e inficis ,  
Seguindo dos agouros a illusaõ ,  
Indignos se tem feito de perdaõ.  
Jeroboaõ foi ímpio , ímpio moiteo ,

E o mesmo foi Nadab o filho seu:

O mesmo Amri, que edificou Samaria,  
O mesmo Achab, e a esposa temeria,  
Qu' erigindo a Baal culto profano  
Banhou o infame altar de sangue humano.

Do verdadeiro Deus o servo, e amigo  
Predisse ao Rei o proximo castigo,  
Não se attendem as santas Profecias,  
Mas o successo acreditou a Elias.

Elias o varaõ zeloso, o forte,  
Aparece de Achab na ímpia Corte:  
Armado contra a horrenda idolatria,  
Do verdadeiro Deus o nome erguia:  
As doenças, e a morte lhe obedecem,  
Fogem à sua voz desaparecem.

Em vaõ tentaõ oppôr-se presumpçozos  
Os falsos agoueiros mentirosos;  
Sobre o alto Carmello he feita a prova,  
E a victima se vê que o Ceo reprova.  
Em vaõ Ministros falsos, em vaõ clamaõ,  
E estereis vozes pelo ar derramaõ.  
Sobe de Elias o attendido rogo,  
Consõme a victima o celeste fogo:  
O Povo he testemunha, e pregoeiro,  
Qu' o Deus d' Elias he o verdadeiro.  
Vaõ os falsos Profetas arrastados,  
E ao rapido Cison saõ arrojados.

Persegue a Elias Jesabel raivosa,  
Mas deo-lhe asylo a Arabia pedregosa.  
E quando elle o Jordão passar intenta,  
Sobre o manto estendido se sustenta.  
Hum Anjo o consolou na sua magoa,  
Hum Anjo que o mantém de pão e agoa.

De Naboth o cruento matador  
Provou de Deos o braço vingador,  
Lambeo-lhe o sangue o esfaimado cão,  
Verificou-se a antiga predicção.

Occhosias, Joraõ lhe succedêraõ,  
Qu' a voz deste varaõ tambem tremêraõ,  
Ameaçou-lhe Elias seu peccado,  
E hum, e outro Rei foi castigado.

Eliseo lhe fez sempre companhia,  
Suas lições, e espirito seguia,  
E a seus olhos o vio arrebatado,  
Em tabilhaõ de fogo aos Ceos levado;  
E na Capa do Mestre o espirito fica,  
O Jordão que o respeita o justifica.

Por ordem de Jehú Rei d' Israel,  
Precipitaõ a impa Jezabel:  
Joachaz busca a Deos arrependido  
Tendo ao santo Eliseo humilde ouvido:  
De Elias o discipulo sagrado  
Dos Povos he ouvido, e respeitado.

Joaz pasma de vêr quanto elle possa,

Quando as agoas impuras limpa, e adoça,  
 Para ir saciar do Povo a sede,  
 Qu' este prodigio necessita, e pede.

Se õ escarnecem improbos meninos,  
 São o pasto infeliz de Ussos ferinos.  
 Todos o buscaõ no maior conflicto,  
 E consolado vem quem chega afflicto.  
 Dá saude, dá vida, ouve, e soccorre,  
 Santo vive Eliseu, e santo morre,  
 Joaz, o amigo do Profeta santo,  
 Banhou as faces de piedoso pranto.

Outro Jeroboão rege Israel,  
 Idolatra, e soberbo, e infiel,  
 Jonas foi o Profeta dos seus dias,  
 E o Rei lhe desprezou as profecias;  
 Mas nem Jonas Ministro do Senhor,  
 Deixou de ser cobarde transgressor.

Quando a ira de Deos desperta, e excita  
 O estulto ingrato Povo Ninivita,  
 Jonas pelos Senhor foi enviado,  
 Este Povo a arguir do seu peccado.  
 Quem o diria! Jonas temeroso  
 Se esquiva ao que lhe ordena hum Deos piedoso.  
 Em estranho navio ao mar se entrega,  
 Fugitivo á Cilicia assim navega:  
 Despedaçã tufões a gavia sólta,  
 Brame a onda, e ao leme a não não volta.  
 Toca as nuvens o masto, e a quilha a areia,  
 O Ceo d' hum lado, e d' outro se affogeiã:

E á luz do raio , do Trovaõ ao estrondo ,  
Se vai o fragil lenho descompondo :  
Naõ ha quem o trabalho mais suporte :  
Sedo se espera já beber a morte.  
Vê-se a ira de hum Deos , que he justo , e recto,  
E Jonas se contempla o digno objecto.

Pede o lancem ao mar , ao mar se lança ,  
Torna a procella em placida bonança :  
Monstro marinho dentro em si recolhe ,  
Quem para grandes cousas Deos escolhe :  
Vivo o monstro o guardou , vivo o vomita  
Junto á culpada terra Ninivita :  
Alli clamor celeste elle soltou  
E a santa peitencia se abraçou ,  
E o Deos que attende á voz dos peccadores  
Propicio se dobrou aos seus clamores

Salmanasar dos Philisteos voltou ,  
Fez guerra a Israel , e triumphou.  
Do seu triunfo o carro leva atado  
Oseas triste Oseas desgaaçado ,  
De Oseas vio a Assyria ultimos dias ,  
Fóra seu companheiro o bom Thobias.  
Thobias arrastrou honrados ferros ,  
Naõ maculado dos Assyrios erros ;  
Sustenta os pobres , os enfermos cura ,  
E a insepultos Judeos dá sepultura ,  
Paga o dizimo a Deos , paga as premissas  
Faz pelos Irmãos preces submissas.

Este do Eterno Deos servo fiel ,

Hospedou ao celeste Raphael ,  
 Por quem fôra seu filho acompanhado ,  
 E por cujo favor se vio curado :  
 Raphael lhe predisse altos mysterios ,  
 E as novas gerações , novos Imperios.

Para tratar do Reino de Judá  
 Fallo de Reboaõ , que fallei já.  
 Foi Rei , d'elle outros Reis principiáraõ  
 Das duas Tribus sós que lhe ficáraõ.  
 Abia , era fiel , mas perverteo-se ,  
 Asa começou bem , mudou , perdeo-se :  
 Quando o justo Hanani o reprehende ,  
 Em tanta raiva , em tal furor se accende ,  
 Que dos mesmos Vassallos com espanto  
 Prende , e faz acabar o varaõ santo ;  
 Mas de afflicções , e dores precedida ,  
 Não tarda a morte em arrancar-lhe a vida.

Josaphät ama a Deos , e he d'elle amado .  
 Põe no seu culto , e Lei todo o cuidado ;  
 Os seus Vassallos são os seus amigos ,  
 He a inveja , e terror dos inimigos ,  
 Seu esforço , e virtude não fraqueja ,  
 Ora no Templo , no arraial peleja.

Joraõ , que ao Throno seu Judá levára ,  
 Das virtudes do Pai se desherdára ,  
 ( Tanto pôde com elle a companhia  
 Da soberba , da improba Athalia ! )  
 Perjuro a Deos , aos homens inínel  
 Lava em fraternal sangue a maõ cruel ;



Por Elias lhe fôra já predicto  
O castigo que o Ceo lhe tem prescripto.

Joaz fôra no Templo preservado  
Dos furores da Avó e alli sagrado :  
Zeloso Joiadá alli o esconde ;  
Mas o ingrato Joaz não corresponde :  
Do bemfeitor ao filho rouba os dias ,  
E he Deos o vingador de Zacharias :  
Joaz foge vencido , e envergonhado ,  
He pelos servos seus assassinado.

Esquecido Amasias do seu Deos ,  
Idolatrrou os Numes Idumeos ,  
E ao servo do Senhor que o reprehende ,  
Soberbamente insulta , e desattende :  
O Povo contra elle se conjura ,  
E he do Throno arrojado á sepultura.

Em quanto foi fiel ao bravo Ozias ,  
Signalou com triunfos os seus dias ;  
Mas logo ao Sacerdote usurpa o officio ,  
E offende ao mesmo Deos , que lhe he propicio :  
Fere-o a mão paternal d'hum Deos que o ama ,  
Cobre seu corpo de leprosa escama.

Joathan piedoso ao throno vem ,  
Ornou o Templo , ornou Jerusalem :  
Do verdadeiro Deos servo zeloso  
Foi na guerra , e na paz sempre ditoso ;  
Amando ao Povo , e do seu Povo amado ,  
Respeitado viveo , morreo chorado.

Não segue o ímpio Achaz do Pai o exemplo  
 Persegue os Sacerdotes, fecha o Templo:  
 Ergue a Deoses alheios vis altares,  
 E o sacrilego incenso sóbe aos ares:  
 Acaba á pressa a horrenda vida impura,  
 Foi-lhe negada a regia sepultura.

Ezechias, de Achaz bem diferente,  
 Os Idolos desfez da ímpia gente,  
 Imagens torpes entre as chammias ardem  
 Guarda a Lei do Senhor, e faz que a guardem.  
 Desde o throno piedosa voz levanta,  
 E os dois Reinos convida a Pascha santa  
 Atterra os Philisteos sacode o pezo  
 Do jugo Assyrio a que seu Povo he prezo:  
 Impio Senacherib vingar-se emprende,  
 Mas em vaõ, porque hum Deos forte o defende:

Seus auriferos cofres faz que vejaõ,  
 Os Nuncios Babylonios o cortejaõ,  
 O santo coração lhe corrompia  
 Pestifera vaidade, que os seguia:  
 Varaõ que tem do vaticinio a graça,  
 Com as iras do Ceo o ameaça:  
 A's vozes que soltou justo Isaias  
 A si tornou o tímido Ezechias;  
 Tudo, grandezas, bens, se perca embora,  
 Não perde hum Deos, que o ama, e q' o melhora.  
 Triunfante outra vez dos inimigos,  
 Torna a ter bens, e torna a ter amigos;  
 Na lista dos bons Reis se marca, e conta,  
 E a seu sepulcro o caminhante aponta,

Já marcára o fatidico Isaias  
Destes dois Reis os memorandos dias;  
E dos annos por vir cousas pasmosas,  
Qu' ao Throno de Judá são gloriosas:  
Virá no remotissimo futuro  
Gener Juda em captiveiro duro;  
Mas Virgem Mãi, e Virgem indicava,  
E o Filho, o Santo Filho annunciava;  
Vira abrirem-se os Ceos, chover o justo,  
Honrando a Stirpe de David Augusto,  
Do Leão de Juda predisse a gloria,  
E expôz da Redempção a digna historia.

Manassés a Ezechias succedêra,  
Mas do Pai virtuoso degenera;  
Cruel, soberbo do seu Deos se esquece,  
E a falsos Numes proprio filho off'rece;  
A íra do seu Deos dando hum motivo  
Grilhões Assyrios arrastrou captivo;  
Mas quanto o Eterno Deos, quanto he clemente  
Inda o perdôa vendo-o penitente,  
Foi a sua oração nos Ceos ouvida,  
Repara o mal, e em paz acaba a vida.

Nestes dias em quanto a horriavel guerra  
Surge da Assyria a desolar a Terra,  
Livra a Patria Judith, a mulher forte,  
Dando ao duro Holofernes dura morte.

Filho de Manassés Amon cruel  
Foi Rei, mas Rei idólatra infiel;

Os seus o arrojaõ a perpétuo somno,  
E o piedoso filho sóbe ao throno.

Josias, digno exemplo a grandes Reis,  
Restabelece o Povo em santas Leis:  
Diante d'elle tímida fugiu,  
A torpe refalsada idolatria:  
Do altar que lh' ergueo Jeroboão,  
O idolo Bethel cahio no chaõ:  
O Templo do Senhor se reedifica  
O achado livro de Moysés se explica,  
Amigo do seu Deos, do Povo amigo,  
He morto antes de vêr o seu castigo.

Joachaz que Sellum, alguém nomeia  
Tyranno usurpador da C'roa alheia,  
De novo afflige a misera Cidade,  
Largando a redea á propria iniquidade;  
Mas de tanto desprezo hum Deos se affronta,  
E ao usurpado throno o Irmaõ remonta.  
Foi Necháõ o instrumento da vingança,  
Torna a Eliakim a usurpada herança.

Jeremias entãõ a voz soltava,  
E os castigos aos Reis annunciava:  
Jerusalem o vio com triste pranto  
Os estrados banhar do Templo santo;  
Os Mystérios de Deos vio, e adorou,  
E as desgraças dos homens lamentou:  
Mas dos Reis desprezado, e perseguido  
Jeremias fiel não fôra ouvido.  
Jechonias que o Pai acostumara

Ao throno em que elle só pouco reinára  
Bem vio aproximar os tristes dias  
Qu' ao longe vira o triste Jeremias  
Tanto infeliz em gloria, como em prole,  
Não acha no seu mal quem o consôle.

Sedecias de Assyria maõ houvera  
Sceptro infeliz, com que Judá regèra;  
No Throno de Judá as-ím sentado,  
Irritou o seu Deos com seu peccado.  
Quiz a redea quebrar dura, e estrangeira,  
Mas sem Deos o que val que o homem queira?

Torna da Assyria a sanguinosa guerra,  
Que vai punir a criminosa terra,  
Nabucodonosor marcha vaidoso,  
Instrumento cruel de hum Deos irroso:  
O traidor revoltoso Sedecias  
Afflicto, e cego acaba os tristes dias.  
As agoas do Jordaõ de horror turbadas,  
Se escondêraõ no mar ensanguentadas;  
E a Cidade de Deos dobra infeliz  
Ao jugo Assyrio a tumida cerviz,

Sujeitaõ-se os Judeos a alheios Reis;  
Mas tem proprios Juizes, proprias Leis:  
Quem diria que os sabios julgadores  
Fossem da propria Lei os transgressores!  
Se a virtude as paixões não affugenta  
Não ha verdade, ou condiçaõ isenta:  
Temei, Juizes máos, temei, insanos,  
Deveis ser Pais do Povo, e sois Tyrannos.

A esposa de Joakim d' Helcias filha  
Em quem belleza, e' castidade brilha,  
He dos velhos Juizes desejada,  
Que se colloiaõ na tenção damnada;  
Para tanto o seu vigiáraõ,  
E entre arbustos ramosos se occultáraõ.

Quando Susana incauta, e innocente,  
Mergulha o corpo em límpida corrente;  
Dos velhos sensuaes a ávida vista,  
Vê proximo o momento da conquista.  
E de malvado amor a furia acceza,  
Quaes tigres os arroja à inerme preza.

Mas em vaõ o intentais, homens damnados,  
Sereis pela virtude rechaçados;  
Que para repellir a quem a illude,  
Do Ceo a força tem a sã virtude.  
Baldaõ-se rogos, baldaõ-se ameaços,  
Foge Susana aos impotentes braços,  
Eis-que o damnado amor se torna em ira,  
Cruel vingança a vil calunnia inspira.

Os velhos chamaõ gente, e chega a gente,  
De falsa culpa accusaõ a innocente,  
Faz o triste successo vergonhoso,  
Vergonha ao Pai, vergonha ao caro esposo;  
E os impostores que o seu mal procuraõ  
O falso crime falsamente juraõ:  
Da voz da auctoridade perseguida,  
Vai infamar-se a inculpada vida;

Mas o Deus a quem nada fôra occulto ,  
Vinga a innocencia , e faz punir o insulto .

O moço Daniel , que o mal suspeita  
A defensão da innocencia acceita ,  
E ante o Povo , que a seu juizo ajunta ,  
A hum , e outro accusador pergunta :  
Discordiaõ na calumnia da resposta ;  
Sua impostura foi ao Povo exposta ;  
São os velhos obscenos convencidos ,  
Susana he salva , e elles são punidos .

Judá respeita em Daniel hum Santo ,  
Babylonia o ovio , cheia de espanto ,  
Ler remotos successos nos futuros ,  
E declarar ao Rei sonhos escuros .

De ouro , e prata , e bronze - e ferro era  
A estatua que no sonho apparecêra ;  
Pedra de alta montanha despegada ,  
Reduz este colosso a pó , e a nada ,  
E esta pequena pedra cresce tanto ,  
Qu' a terra assombra , e toca no Ceo santo .

Daniel que interpreta altos Mystérios ,  
Vio nos quatro metaes os quatro Imperios ,  
E na descida pedra que tem visto ,  
Descer figura o desejado Christo :  
As mudanças de Imperios assignala ,  
E o castigo do Rei tambem não cala .

Hum Povo caprixoso , e voluntario ,

Talvez o trate então de visionario :  
 O Rei em aurea statua se figura ,  
 E dar-lhe adorações manda a lei dura :  
 O susto o Povo tímido soçobra ,  
 Baixa a cabeça , e os joelhos dobra  
 Impavido o constante Daniel  
 Só adora o seu Deus , Deus d' Israel ;  
 Os seus tres companheiros o imitáraõ ,  
 E da furia do ímpio não curáraõ ;  
 E entre as accezas chammas arrojados ,  
 Dando honra a seu Deus não são queimados ;  
 O poder deste Deus se reconhece ;  
 Mas a louca vaidade tudo esquece .

Torna o vaidoso Rei á usada vida ,  
 Nem do que tudo pôde se intimida ;  
 Dorme em meio dos vicios descansado ;  
 Mas por novo fantasma he acordado :  
 Tronco viçoso até ao Ceo se alçava ,  
 Qu' a terra com seus ramos assombrava  
 Da sua louçania foi despido ,  
 E entre as rasteiras plantas confundido .

Não tarda o varaõ santo que explicára  
 O castigo que o sonho ao Rei mostrára ;  
 Nem tarda ao Rei o horrído castigo ,  
 Que lhe vaticinou de Deus o amigo .  
 Cre cem-lhe as unhas os cabellos crescem ,  
 E os seus membros disformes apparecem ;  
 As mãos postas no chaõ , no chaõ se arrasta ,  
 E em verde campo cruas heivas pasta :  
 De horror , e compaixaõ misero objecto



Te o setimo anno vêr completo :  
Qual decotado tronco vicioso  
Em que abrolha o renovo gracioso ,  
Assyria vê que o Rei torna á saude ,  
E que vai germinar nelle a virtude .

Tornado pois a si , e ao Throno Augusto ,  
Reconhece o p der d' hum Deos que he justo ;  
Sua justiça , seu poder confessa ,  
E acaba quando a Deos temer começa ;  
Abraça o santo amigo , em quem confia ,  
E cumpre em paz seu derradeiro dia .

O filho do Monarca façanhoso ,  
Vem do carcere ao Throno magestoso :  
Impunha o Sceptro , e toma o Real Manto ,  
E as honras continúa ao varaõ santo ;  
Mas o Sol n'hum só gyro os signos corre  
Desde que este bom Rei se crôa , e morre .

Occupa Balthazar o Throno Assyrio ,  
Que tem da idolatria o vaõ delirio :  
De seu grande poder no insano abuso ,  
Aos sacros vasos deo profano uso :  
Em meio deste crime a que se atreve ,  
Mãõ vingadora o seu juizo escreve :  
As tres palavras Daniel explica ,  
E o successo fatal as verifica .

Eis Daniel depois do infame brodio  
Dos Assyrios exposto á raiva , e odio ;  
Entre leões famintos arrojado ,

He das sanhudas féras respeitado :  
 Lambem-lhe os pés , mas rabidos rugindo ,  
 E a desgrenhada juba sacodindo ,  
 Da offendida virtude vingadores ,  
 Vaõ devorar os vis accusadores .  
 Fiel servo de hum Deos Omnipotente  
 O poder do seu Deos mostrou á gente :  
 A' sua voz os Idolos cahirão ,  
 E com respeito os grandes Reis o ouvirão  
 Percebeo no clamor de Jeremias  
 Os males dos Judeos , de Christo os dias ;  
 Qual seria do amado Povo a sorte  
 Qual a do Homem Deos cruenta morte .

Cyro vem reunir Nações diversas ,  
 E da Assyria mudar o Imperio aos Persas ;  
 A favor dos Judeos piedoso edicto  
 Permite a liberdade a hum Povo afflicto .  
 Zorobabel á cara patria o guia ,  
 E o sagrado edificio principia :  
 Nem consente que idolatras ousados ,  
 Vaõ profanar os muros já sagrados ;  
 Préza em mais o poder da sã verdade ,  
 Qu' o de amor vaõ , e horrenda Magestade

Deixo de ponderar agora , deixo  
 Deste santo fervor algum desleixo ;  
 Qu' á voz de Zacharias , e de Agêo ,  
 Com muito maior força se accendeo :  
 O Sacerdote póde , e póde o Povo ,  
 Seu culto renovar no Templo novo .

Tambem os Assyrios Reis entaõ servia  
O fiel, o zeloso Nehemia ;  
Qu' unindo a sua fé ao seu respeito ,  
Fôra ao grande Artaxerxes bem acceito.  
Foi dos Judeos o protector benigno ,  
E do amor do seu Povo nunca indigno :  
Ergue a Solima os abatidos muros ,  
Com que os Judeos se julgaõ mais seguros.

A linda , a meiga , a virtuosa Esther .  
Livra a todo este Povo de morrer ;  
Qu' Aman impio valido de Assuêro ,  
Lhe traça hum triste fim horrido , e féro :  
De tudo o instrue o afflicto Mardocheo ,  
E o regio esposo o dolo conheceo :  
Torna o Rei contra Aman seus ameaços ,  
Qu' a vida acaba nos urdidos laços :  
No patibulo do Mardocheo erguido  
O doloso Ministro foi punido.  
Em quanto os Persas aos Judeos amparaõ  
Seus Pontifices proprios os julgaraõ ;  
O seu abatimento em paz soffriaõ ,  
E soffrendo , e orando em paz viviaõ ;  
Quando os dias do Ceo vaticinados  
Sobre as azas do tempo saõ chegados.  
Marcha da Macedonia a horrivel guerra  
Com que o grande Alexandre assusta a terra ,  
Treme assustado o Mundo , como treme  
Da Persia o Throno que em seus ferros geme.

Judéa ao raio que este Heróe fulmina  
Dobra o joelho , e a cabeça inclina :

Já da honra de Deos lugar sagrado  
 Quer pizar vencedor Grego soldado ;  
 Mas com a vista de Jaddo confundido ,  
 Detém o pé , suspende o ferro erguido :  
 Ao invencivel Alexandre espanta  
 O arranjado esquadrão da gente santa :  
 Do seu Deos com o nome se defende ,  
 Nome pasmoso que o seu mil suspende.  
 Recolhe a invicta espada o Heróe guerreiro ,  
 Vai pacifico honrar Deos verdadeiro ,  
 Entra no Templo , e lê as Profecias  
 Dos seus guerreiros gloriosos dias ;  
 O Povo deixa em paz , e honra aos fiéis ,  
 Que servem dignamente ao Rei dos Reis ;  
 Sabe que vem as suas mesmas glorias  
 Desse que he só quem tira , ou dá victorias.

Entre a Syria , e Egipto em paz Judea  
 Serve a Stirpe Seleuca , e Ptolomea ;  
 Perturbaõ esta paz váos orgulhosos  
 De cargos , e riquezas cubiçosos :  
 Simaõ que indigno foi do Sacerdocio  
 Com Seleuco tramou ímpio negocio :  
 Baixaõ os Anjos a guardar na Terra ,  
 O thesouro que o sacro Templo encerra :  
 Do mais ímpio dos Reis ímpio inviado ,  
 Soberbo Heliodoro he fustigado ,  
 Do celeste Ministro aos pés supplica ,  
 E obtem piedade , e semivivo fica.

Ao depois de hum Antiocho piedoso  
 Com o Povo Judaico generoso ,

Outro Antiocho vem ímpio , e cruel ,  
 Como o predisse o justo Daniel :  
 Soberbo sem mais lei que o seu furor  
 A Judea innundou de sangue , e horror ;  
 A Onias usurpa o sacro officio ,  
 E vende a ouro o cargo Pontificio ,  
 No Santo Altar expõe de Jove o vulto ,  
 E vai forçar o Povo a indigno culto :

Vejo dos sete moços a ousadia  
 A fogueira affrontar que a chamma erguia ;  
 Vejo a Mãi valerosa , invicta , e forte ,  
 Que dos filhos fiéis assiste á morte ,  
 E que ante o Rei tyranno não duvida  
 Acompanhar morrendo aos que deo vida.  
 Jerusalem afflicta , e ensanguentada ,  
 Soccorro a seu Senhor supplica , e brada .

A' torrente de acções crueis , e ímpias ;  
 Oppõe seu braço o forte Matathias  
 Soa o nome do illustre Machabeo ,  
 Q' ao consternado Povo defendeo ,  
 O valeroso Judas o realça  
 Quando defende os seus d' huma lei falsa ;  
 A patria vinga do soffrido mal  
 Vence os Sirios , seu nome he immortai .

Desembainha Jonathas a espada ,  
 Por elle a paz , por elle a guerra he dada ;  
 De Sacerdote , e de Juiz no officio ,  
 Da batalhas , e off'rece o sacrificio .  
 A Reis visinhos defendeo seu braço ,

E tem honras de Rei no Egepcio Paço.  
 Se a perda deste Heiõe Judéa chora,  
 He que lho rouba cruel mão traidora.

Simaõ, que faz por elle esforços váos,  
 Vai ser o vingador de seus irmãos,  
 Juiz, e Pai do consternado Povo,  
 A' Judéa prepara hum lustre novo;  
 Rime os ossos do irmão que foi captivo,  
 E a Tryphon desaloja fugitivo.

Ao lampear da espada Machabéa,  
 A opprimida cerviz alçou Judéa,  
 E perante o seu Deos a quem se prostra  
 O espedaçado jugo Assyria mostra:  
 E em premio desta paz que o Povo goza,  
 Reina a Asmonea stirpe gloriosa.

Soffre o grande Simaõ morte de engano,  
 Mas vingou a traição o forte Hircano,  
 Qu' entre proezas mil obteve a gloria  
 De suspender do Antiocho a victoria.  
 De gloria enchendo os pavidos Judeos,  
 Converte incircumcisos Idumeos;  
 Lavráraõ de tres seitas os enganos,  
 Fariseos, Sadduceos, Essenianos,  
 Os Povos eraõ, e era então Judéa,  
 Pithagorica, Stoica, Epicurea:  
 Aristobulo em fim chamou-se Rei,  
 Cruel tyranno, fez tyranna a Lei;  
 Sua ambição a mãe, e irmãos não poupa,  
 E une ao manto real sagrada roupa.

Mas Janéo que o seguiu no mesmo excesso ;  
 Faz co' o sangue dos seus ao Throno oppresso :  
 Morre o primeiro irmão , e outro vive  
 Jurando que já mais do Throno o prive :  
 Janéo ambicioso , mas guerreiro ,  
 Percebe no tributo hum captiveiro ,  
 Com bellicoso genio tudo envolve ,  
 E o Assyrio grilhaó quebrar resolve ;  
 E por desaffrontar hum tal desdouro ,  
 A guerra leva aos que esperavaó ouro.

Se o seu Povo regesse mais piedoso ,  
 Talvez fora Janéo mais venturoso  
 Ora porém seguido , ora deixado ,  
 Tem a boa , e má sorte assim provado ;  
 Inda morrendo a enganar ensina ,  
 E morre , e deixa o Scepto em mão indigna.  
 Saloméa reinou impia orgulhosa ,  
 Que foi dos dois irmãos infame esposa ,  
 O frio corpo de Janéo occulta ,  
 E por arte depois o argue , e insulta.

Outro Hircano , e Aristobulo alternados  
 Sobem ao Throno , e são precipitados ,  
 Depois que o mando ao Sacerdocio uniraó ;  
 Familias de familias dividiraó :  
 Os vinculos são todos desatados  
 Só após da ambiçaó se unem malvados ;  
 Gente de incircumciso coração ,  
 Não ouve a voz da sã Religiaó ;  
 E por sobirem a maior grandeza ,  
 Se enturdecem á voz da Natureza.

Os filhos de Aristobulo são soltos,  
 Na mesma sorte de seu Pai envoltos :  
 Aristobulo reina hum tempo breve,  
 Mas nem em paz o Sceptro seu sosteve;  
 Aristobulo desce á sepultura,  
 E Antigonno em seu Throno se segura.  
 Que do barbaro Pai seguindo o trilho,  
 Parece o crime vir de herança ao filho,  
 Nem paternal desgraça o move, e muda,  
 Antes parece que mais mal estuda.

Do novo Rei em nova tyrannia,  
 O afflicto Povo misero gemia :  
 Vendo no erguido Throno a Magestade,  
 Sempre de par a par com a impiedade:  
 Se os outros Reis são barbaros, crueis,  
 Antigonno he peor que os outros Reis :  
 Se Judéa he afflicta, elle a consterna,  
 Barbaro, e infiel, ímpio a governa :  
 Contra séus proprios Tios rebelado,  
 Tem com os Parthos a traição tramado.

He morto Phasaél, e Hircano forte  
 O desprezo doe mais que a mesma morte ;  
 Mas do mesmo furor de odio accezo,  
 Nelle Herodes vingou morte, e desprezo.  
 E Sozio o vio aos pés ajoelhado,  
 Pedir favor, chamar-se desgraçado ;  
 E o que a contrarias hostes affrontára,  
 Se vio como vencido desmaiára,  
 Mas não tem sua voz força que empeça  
 O golpe que trincar vai a cabeça.



Segue Herodes o barbaro, e tyranno ,  
A quem dera favor povo Romano,  
Que vem como torrente impetuosa,  
Devastar a Judéa lastimosa:  
Ao Throno sobe, occupa o régio assento,  
Ferreo sceptro empunhou sanguinolento;  
Sôão os ais quando o seu nome sôa;  
Proprios filhos, nem propria Mãi perdoa,  
Vai os frutos gozar da falsa intriga  
Com que a imperante Roma fez amiga.

A Cidade que se ergue em sete montes,  
Feixa o Templo do Deos das duas frentes;  
A paz as longas azas estendia,  
J as armas dos guerreiros escondia.  
Foge do Mundo o espirito da guerra,  
E Roma da em paz as leis à terra:  
Das victorias descança o grande Augusto,  
Abrem-se as nuvens vai chover o JUSTO.  
O tempo chega em fim vaticinado,,  
Tanto pedido, e tanto desejado.

Neste tempo esperado em profecias,  
Desce o Filho de Deos, desce o Messias,  
Entre pomposa gloria o esperava,  
O presumido Povo, e o Povo errava.  
Já dando de humildade exemplo dino,  
Raiava a Aurora deste Sol Divino,  
A Augusta Filha de Joaquim, e Anna,  
De Davidica stirpe soberana,  
De José varaõ casto a casta Esposa,  
MARIA sempre humilde, e virtuosa,

Maria sempre pura immaculada,  
Do original peccado preservada,  
Fôra na eterna Mente prevenida,  
Para segunda Eva, Mãi da vida.

Escuta a voz do Archanjo Gabriel,  
Do eterno Pai Embaixador fiel,  
Quando ser Mãi do Verbo lhe annuncia,  
A Santa Virgem timida tremia:  
He destinada Mãi, votou ser casta,  
Mas diz-lhe o Anjo o que ao Mysterio basta.

Ella ouve com gozo, e com espanto,  
O que ha de obrar o Espírito, e Amor Santo,  
E de Isabel mulher de Zacharias,  
De já provectoros infecundos dias,  
A nova inesperada geração,  
Fez o Celeste Nunçio a predicção,  
Os sentidos lhe explica da Escriptura,  
E o animo turbado lhe segura.

Maria obediente, e enternecida,  
Em taó altos Mysterios instruida,  
E o coração de gozo satisfeito,  
De tal modo responde, e tal respeito:  
„ Eu sou a humilde Serva do Senhor,  
„ Cumpra-se em mim o que me vens expôr.

Tu céga Nazareth não conhecias,  
Quanta preciosidade possuias.  
Patria da Mãi de hum Deos, como teimosa  
Te esquivas a huma fama gloriosa?

A ti convinha mais seguir seu trilho,  
E tu és quem desprezas Mãi, e Filho;  
Maria de inefaveis gozos cheia,  
Partio de Nazareth a vêr Judéa;  
Abraça a terna Prima, e Isabel sente,  
No seu ventre prostrar-se reverente,  
O tenro Infante, que inda alli guardava,  
E a Deos, e a Mãi de Deos assim honrava.

Já na prole do velho Zacharias,  
Começa o complemento ás profecias:  
Judéa vê nascer o Precursor,  
Do pedido, e esperado Redemptor:  
Do Testamento o Anjo está visinho,  
Este vem preparar-lhe o seu caminho.

Zacharias, que Deos mudou tornára,  
Porque do seu aviso duvidára,  
Escreve pela sua propria mão,  
Do Filho o nome, chame-se João.  
Com a lingua que então se lhe desata,  
Honra ao Deos bemfeitor sua alma grata.

Nas virginaes entranhas de Maria,  
A nossa humanidade hum Deos vestia;  
Turbado com a prenhez na esperada,  
José sentio sua alma agoniada:  
Quer da Esposa fugir, confuso chora,  
E hum Anjo o faz saber tudo o que ignora,  
Baixa a cabeça, o coração humilha,  
Ao Deos auctor de tanta maravilha.

Quizera Cezar por geral edicto,  
 Dos vassallos o número descripto;  
 E José vai, da Esposa em companhia,  
 Alistar-se a Belém (ó feliz Dia!)  
 Entre as ruinas de hum Presepio immundo  
 Ao Mundo nasce o Redemptor do Mundo,  
 Milagrosos signaes então se viaõ,  
 E as Angelicas Turbas annunciaõ,  
 Quando assim seu Senhor se desencerra,  
 A Deos gloria nos Ceos, e paz na Terra.  
 A despertar os rudes pegureiros,  
 Descêra hum dos Celestes Mensageiros:  
 Diz-lhes do alto Mystério o que convinha,  
 E ao venturoso albergue os encaminha:  
 Alli vem o Senhor da Terra, e Ceo,  
 Qi' em humildes mantilhas se envolveo,  
 De dois serviçaes brutos bafejado,  
 E entre miseras palhas reclinado,  
 O Messias nascido alli adoraõ,  
 E o seu choro escutando tambem choraõ.  
 Trazem-lhé o leite, e os cabritos novos,  
 E as moes rebordâas, e os frescos ovos,  
 E os tenros pombos, que inda vem do ninho,  
 E o doce mel, e espirituoso vinho,  
 E vão brindar os adoraveis Pais,  
 Com a fiada lá dos seus saiaes,

Campre o tempo da Lei, e vai ao Templo  
 Hum Deos que aos homens traz lição, e exemplo,  
 Circumcidou-se, e he JESUS seu nome,  
 Nome maior que todo o outro nome,  
 Simeaõ, a quem fôra promettido

Não acabar sem vêr Christo nascido ,  
No Templo o vê , em suas mãos o toma ,  
E abençoando aos Santos Pais se assoma ,  
A quem com santas vozes vaticina ,  
Que será bens de huns , de outros ruina ;  
E que por elle a Mãi , sempre adorada ,  
Tera de dôr sua alma traspassada .

Vem de longe da parte do Oriente ,  
Guiados de huma estrella refulgente ,  
Tres Magos a adora-lo , e offerecê aõ ,  
Incenso , Myrrha , e Ouro que trouxe aõ .  
Pasma Herodes co' a causa da jornada ,  
Tem sua alma entre sustos agitada :  
Teme perder o usurpado Throno ,  
Nos cuidados vaõ turbar-lhe o somno :  
Mas sabios recommenda , se o achassem ,  
Onde estava Jesus lhe declarassem ;  
Mas pouco lhe valeo o doço , e arte ,  
Qu' a estrella os guiou por outra parte .

Ravoso medo ao barbaro inquieta ,  
Bem que o respeito e o prazer affecta ;  
Mas sua má tenção vendo frustrada ,  
Ergue da ira a criminosa espada ;  
F nos Meninos que o biennio abrange ;  
Os dias corta o impio , e duro alfange ;  
He a seu interesse , e odio ardente ,  
A infeliz turba victima innocente .  
A' voz do impio Rei correm velozes ,  
Dignos Ministros seus crueis algozes ,  
Qu' ate da natureza com espanto ,  
Zombaõ , e insultaõ o materno pranto .

Virão tímidas Mães com dôr , e susto ,  
 Dos tenros filhos o tormento injusto ,  
 Cahe do pejado peito o infante exangue ,  
 E correm de mistura o leite , e o sangue ,  
 De cortadas cabeças , pernas , braços ,  
 Quaes arrojão as Mães tristes pedaços ,  
 Qual fere a afflicta Mãi porque o enoja ,  
 A defeza do filho a que se arroja :  
 Ouve em sustos Judéa os alaridos ,  
 E os ais de Mães , e filhos confundidos ,  
 Eraõ os tristes figurados dias ,  
 Nos afflictos lamentos de Isaías .

Sacra Familia escapa ao duro Edicto ,  
 Errando fugitiva até o Egypto ;  
 Fôra o justo José por Deos mandado ,  
 Salvar assim este penhor sagrado ;  
 Alli rapido Nilo os defendêra  
 Do Rei cruel , em quanto o Rei vivêra :

Mas não falta do susto o sobresalto ,  
 Quando d'entre elles o Menino he falto :  
 Por tres dias em vão o procuração ,  
 E sobre a sua falta vacilarão :  
 He em Jersalem no Templo achado ,  
 Qu' entre os sabios da Lei está sentado ,  
 Qu' explica as Escripturas , e que ensina ,  
 Aos errados Doutores sã doutrina .

Este Filho de Deos entre os humanos ,  
 Já na idade contava os doze annos ,  
 E a terna Mãi , e ao que de Pai servia ,  
 Humilde , e carinhoso obedecia :

Para bem completar as profecias,  
Dos seus terríveis portentosos dias,  
E o para que dos altos Céos baixára,  
Co' as aguas do Baptismo se prepara:  
E o seu Baptismo ministrou Joáo,  
Na sagrada torrente do Jordaó.  
Joáo, que a sua vinda ha prevenido,  
E o maior que dos homens foi nascido,  
Joáo dos máos, e bons temido, e honrado,  
Por baptisar Baptista foi chamado:  
Reprimindo dos crimes a insolencia,  
Pregando aos Povos santa Penitencia;  
Alçando a santa voz desde o dezerto,  
Deo do Messias testemunho certo.

De Jesus este digno Precursor,  
Tambem soffre d' Herodes o furor;  
Porque elle a culpa do Tyranno affeia,  
Em prizaó dura arrasta vil cadêa,  
E he a sua cabeça, e sua vida,  
A' faltante Herodias off'recida:  
Naó cabe de hum compendio na curteza  
Dos immensos prodigios a grandeza,  
Com que Jesus pasmou a humanidade,  
Mostrando a gloria em si da Divindade.

Ao começar sua Missaó Divina,  
Abona com milagres a Doutrina:  
As Vodas de Caná lhe abrem caminho,  
Tornando a água em necessario vinho:  
Torrente de prodigios continua,  
Naó ha mal que resistã á ordem sua,

Respeita a natureza o seu clamor,  
E obedece á voz do seu Auctor :

Aos seus prodigios os Judeos se abalaõ,  
Ouvem os surdos, já os mudos fallaõ.  
Sáraõ os coxos, sáraõ aleijados,  
E os da ascarosa lepra saõ curados,  
Dos opprimidos corpos desaloja,  
Mãos espiritos que ao inferno arroja :  
A mesma morte a sua voz respeita,  
Porque ao Auctor da vida está sujeita.

Cura o servo ao fiel Centuriaõ,  
Qu' ostenta a viva fé do coração:  
A Sinagoga vio resuscitada  
Do seu Principe a filha idolatrada :  
Ve resurgir á mesma voz assim  
O caro filho a Esposa de Naim :  
Da viuva infeliz, que, em Cananéa,  
De hum santo ardor, e fé constante cheia,  
Ao Filho de Deos vivo afflicta brada,  
Sára a filha que vira atormentada :  
A Lazaro ja morto resuscita,  
Dos prodigios a serie he infinita :  
Do mar revolto no horrído fracasso  
As ondas piza com seguro passo ;  
Com dois peixes, cinco páes, q' elle augmenta,  
Cinco mil homens próvido sustenta :  
Homens reconhecei a voz sagrada,  
Daquelle Deos que o Mundo fez de nada.  
Destes mesmos prodigios se enojáraõ,  
Os Doutores da Lei, que os admiráraõ :



Ao cego Povo inculcaó que he prestigio,  
O que he d'alto poder santo prodigio;  
Votaó contra Jesus Povo grosseiro,  
Chamaó-no impio, chamaó-no embusteiro.

A doze humildes homens, que escolheo,  
Fez prégadores do Instituto seu:  
He saber os seus nomes necessario:  
Pedro, que foi Simaó, he seu Vigario,  
E Andre o Irmaó deste, e hum Joaó,  
Com Tiago maior seu socio, e Irmaó,  
Que deixando os anzoes enganadores,  
Passaó a ser das almas pescadores.

Segue aos filhos do velho Zebedeo  
Hum Filippe, Thomé, Bartholomeo,  
E outro Tiago mais, Simaó zeloso,  
Mattheus, e hum Judas, e outro ambicioso,  
Prole infame de Icaria, que traidor  
Vendeo seu proprio Mestre, e seu Senhor.

Deviaó completar-se as Profecias,  
Cumprir sua Missaó este Messias,  
Sellar com o seu Sangue as Escripturas,  
E abrirem-se do Ceo as portas duras:

Dos Apostolos seus acompanhado,  
E dos outros Discipulos cercado;  
Jesus á sua Lei já convertia  
Povo immenso, que a sua voz ouvia:  
Arde em ira a soberba Synagoga,  
Nem só em vozes o odio desaffoga;

Perturbador da paz he arguido  
 De Deos o Filho, para ser punido :  
 Não se crê que sem pompa a Divindade,  
 Baixasse a redimir a Humanidade.

O Deos todo verdade, (eu tremo, eu tremo)  
 Se argue de mentiroso, e de blasfemo.  
 Estas dúvidas vagas, e indiscretas,  
 Foraõ os vaticinios dos Profetas.

Seu amor, e seu odio o Povo ignora,  
 Despreza, accusa, e honra o mesmo, e adora.  
 Sahe de Jerusalem Jesus fugido,  
 E alli mesmo em triumpho he recebido.  
 De rosmaninho as ruas tapizadas,  
 De palma, e de oliveira as mãos ornadas :  
 Hosanna, Hosanna o Povo entõa,  
 E ao Filho de David gloria apregoa.

Este Filho de Deos, entrando o Templo,  
 Deo aos profanos o castigo, e exemplo;  
 Fustiga os insolentes vendedores,  
 De Deos a casa he só de honra, e louvores.

Já o fim da Missaõ se lhe aproxima,  
 Assim a seus Discipulos intima :  
 Do Cordeiro Paschal celebra a Cèa,  
 E prediz de hum dos doze a traição feia.

Todos se turbaõ, e olhaõ mutuamente,  
 E Pedro, cheio de hum amor valente,  
 Se off'rece em todo o risco a acompanhá-lo,

E dahi a bem pouco ha de nega-lo ;  
Assim o sabio Mestre o vaticina ,  
E em si não confiar-se assim lhe ensina.

Alli instituiu a Eucharistia ,  
Prova do extremo amor que a nós o unia :  
Deixando a terra , soube não deixar-nos ,  
Nem sabe , ou póde, ou tem mais bem q̄ dar-nos.  
O paõ em sua carne alli se torna ,  
E he o seu sangue o vinho que se entorna.

Salve Ministros seus que em sua gloria ,  
Tanto podeis em sua só memoria ;  
Pelo character santo em vós respeito  
O puer dessa voz , que o Mundo ha feito.

Do Cenaculo sóbe a orar ao horto ,  
Temendo a morte pede ao Pai conforto ;  
Os Discipulos dormem que o seguiaõ ,  
E elle os reprehende porque não vigiaõ.

De sordida ambição vil interesse  
Fez com que Judas seu Senhor vendesse ;  
Trinta dinheiros fôra o preço indigno ,  
Do sacrilego ingrato desatino :  
E porque a gente iniqua o não errasse ,  
Fingindo falsa paz lhe beija a face.

Qual de lobos o bando carniceiro ,  
Chega a turba ao mansissimo cordeiro ,  
E ouvindo de Jesus a voz sagrada ,  
Cae por terra confusa , amedrentada :

Contra a cohorte misera ; e mesquinha ;  
 Arranca Pedro a espada da bainha :  
 E a orelha de Malco a hum tempo corta.  
 Christo lha restitue , e á paz o exhorta :  
 Pois quem fere com ferro enfurecido ,  
 Também ha de com ferro ser ferido.

Com asperrima corda atado , e prezo ,  
 Succedendo a hum desprezo outro desprezo ,  
 Jesus he conduzido ao ímpio Annaz ,  
 E daquelle ao Pontifice Caifaz.

Alli a mil opprobrios foi exposto ,  
 E iniqua mão ferio alli seu rosto :  
 Por Pedro alli tres vezes foi negado ,  
 Como na Cêa foi prognosticado ;  
 A' voz do gallo a dos remorsos sente ,  
 Pedro que chora o erro amargamente.

Pilatos governava então Judéa ,  
 E a elle hum Povo rabido vozea ,  
 Qu' o innocente homem conduzia ,  
 E a sua morte sem razão pedia.

Em vão quer o Ministro socega-los ,  
 Não ha razões que possaõ contentá-los :  
 A innocencia he clara , he conhecida ,  
 E a falsa culpa he pela inveja urdida :  
 Pilatos acha em Christo hum innocente ,  
 Mas pede a sua morte a iniqua gente :  
 O Povo he sempre hum monstro caprixoso ,  
 Ou seja quando meigo ; ou quando irroso ,

Se elle ama, em frenesi de amor delira,  
E se aborrece, he sem limite a ira.

Cauteloso Juiz ouve o que pede,  
E emprende moderar do odio a sede;  
A' pena dos açoutes pois condemna  
Quem não tem culpa, e não merece pena:

Então Judas o mal que fez conhece,  
E em vão o preço vil no Templo offrece;  
Nada alcança, e por proprias mãos formado  
He o laço em que morre exasperado;  
Do castigo a figueira reconheço,  
E o campo que valeo de Christo o preço.

Por vêr se o Povo insano assim socega,  
Pilatos aos açoutes Christo entrega;  
Açouta-o, e de espinhos o coroaõ,  
E huma cana entre as mãos Rei o apregoaõ.  
Salve Rei dos Judeos cospem-lhe ao rosto,  
E o lastimoso objecto lhes dá gosto.  
Nem os commove a miseranda sorte,  
Bradaõ, e gritaõ pela Cruz, e a morte.

Ameaçãõ Pilatos com Augusto,  
Que as mãos lava, e não quer matar o Justo:  
E o medo de perder sua valia,  
O força a que a justiça não pedia.

De Christo o sangue pete o Povo infame,  
Bem que em si, e em seus filhos se derrame,  
E Jesus innocente he condemnado

A ser em alta Cruz crucificado.  
Em vão da Pascha ás graças se recorre:  
He salvo Barrabás, e Christo morre.

Desmedido madeiro se prepara,  
Qu' o mysterio, ou acaso alli guardára:  
Deste pezado lenho a Cruz se talha,  
Que destina a Jesus a vil gentalha:  
Sobre seus fracos hombros a cargaõ,  
E em ajuda-lo o Cyrineo empregaõ,  
Ao depois que do pezo elle opprimido,  
Tres vezes sobre a estrada tem cahido.  
Assim caminha a tanto opprobrio exposto,  
Quando terna mulher lhe limpa o rosto;  
Com esta muitas mais o pranteavaõ,  
Que das proprias desgraças não curavaõ:  
E este Filho de Deos, notando tanto,  
Lhe encommenda que a si voltem seu pranto.

Sobre o ingreme Golgotha subido,  
No lugar do Calvario elle he despido:  
E sobre a sua tunica apostados  
Lançaão sortes ávidos soldados.

O innocente mansissimo Cordeiro  
Nú se estende no aspero madeiro:  
Já sôa dos martellos o fracasso,  
Ora hum braço se prega, ora outro braço:  
Pregaõ-se os pés, resôa o alarido,  
Christo entre dois Iadrões he suspendido;  
E o corpo assim pendendo, e sobpezando,  
Lá vão fibras, e musculos quebrando;

Leiamos sobre a Cruz os crimes seus,  
*Jesus de Nazareth Rei dos Judeos.*

Mas que noya impiedade aqui se mostra,  
 Cégo soldado ao homem Deos arrostra,  
 E, em seu cégo furor mal satisfeito,  
 Mandá guiar a lança ao brando peito.

Ah louco affortunado o golpe déste,  
 E em premio a tua cura recebeste;  
 Vê o Deos que offendeste, e te desculpa,  
 Affeito a perdoar chorada culpa:  
 Reconhece-o e supplica, que he preciso  
 Com Dimas, que assim ganha o Paraíso.

Dalli Jesus a vista aos Ceos alçando  
 Por seus cruéis verdugos supplicando:  
 Diz ao Pai, que piedade elles merecem,  
 Porque o erro que fazem não conhecem.  
 Depois voltando os olhos para o chão,  
 Institue ditosissima adopção.

Mulher, este he teu Filho, á Mãi dizia:  
 Esta he tua Mãi, João lhe ouvia,  
 Como legando nas extremas dores,  
 A' santa Mãi os filhos peccadores:  
 Em fim ao santo Pai se encommendou,  
 E inclinando a cabeça, a alma soltou.

Eis convulsa de magoa, e de tristeza,  
 Se mostra perturbada a natureza;  
 Nem deixou de ostentar a pena, e a dor,  
 Quando vio padecer seu proprio Auctor.

Nestes dolorosissimos momentos,  
 Perdem a ordem toda os elementos;  
 Em confusão os ventos se cruzáraõ,  
 Tremeo a terra, as pedras estaláraõ:  
 De improvisos volcões fogo surgia,  
 E a insofrida onda ao Ceo se erguia:  
 Rasgou-se o véo do Templo, e entre os Judeos,  
 Muitos o crêm entaõ Filho de Deos.

Passára além da morte o horrendo insulto,  
 Se o sacrosanto Corpo era insepulto:  
 José de Arimathea, e Nicodemos,  
 Qu' o seguem com ternissimos extremos,  
 A graça do sepulcro se abalançaõ,  
 Pedem, supplicaõ, e esta honra alcançaõ:  
 Por elles Jesus foi da Cruz tirado,  
 E a Mãi abraça morto o Filho amado:  
 Turba celestial, vós côro Santo,  
 Vós mesmos vos doestes do seu pranto.

O Corpo sacrosanto foi unguido,  
 E em sellado sepulcro recolhido;  
 Guardaõ-no vigilantes sentinellas,  
 Mas bem sedo este Deos vai zombar dellas:

Tres dias jaz, e findos os tres dias,  
 Não o achaõ sollicitas Marias;  
 Voltada a campa, e o sepulcro aberto,  
 Hum Anjo lhes segura o caso incerto:  
 Jesus resuscitou, não jaz aqui;  
 Cumprio-se tudo: Incrédulos ouvi.



Quando assim surge o vencedor da morte,  
 O es'rondo aterra a impayida cohorte:  
 Já elle entre os discipulos passeia,  
 E escuras Profecias patentêa:  
 Mostra-se á terna Mãi, mostra-se a todos;  
 E de se acreditar não poupa os modos:  
 Thomé que ainda tibio ha duvidado,  
 Apalpa as mãos, e os pes, e apalpa o lado;  
 Vio, e crêo no Senhor, e o confessou,  
 Beato o que não vio, e acreditou.

Oh dos Justos deposito sagrado,  
 Saudai ao Redemptor tanto esperado:  
 Justas al'mas, e que prazer sentistes,  
 Quando ao Deos Salva'ior a face vistes?  
 A vêr-vos desce o Deos que vos amára,  
 E que a tanto triunfo vos guardara.

Neõ, a fé não me engana: eu vejo, eu vejo,  
 Deste Santo dos Santos o cortejo:  
 Mudou-se em gloria, e gozo o pranto, e os ais,  
 Patenteei-vos, portas eternas:  
 Que depois da peleja, e da victoria  
 Vai entrar triunfante o Rei da gloria.

Mãi terna vio do Filho os fins ditosos,  
 Em meio dos discipulos saudosos:  
 E aquelle, que na Terra se honrou Pai  
 Na gloria do triunfo honrado vai:

A dar mais fortaleza, e mais conselho  
 Aos Santos Prégadores do Evangelho,

O Espirito Divino baixou logo,  
Disperso em linguas de celeste fogo.

Vago o lugar do Apostolo traidor,  
Se juntaõ a escolher hum successor,  
E consultado o Ceo por muitos dias,  
A sorte recahiu sobre Mathias;  
Varaõ de pura fé, constante, e forte,  
Digno de hum tal lugar, e huina tal sorte.

Dos Apostolos honra a companhia  
A Santa Virgem Mãi Pura Maria;  
De seu Mestre, e Senhor Mãi respeitada  
He dos fiéis discipulos amada:

A hora chega, a destinada hora,  
De ausentar-se a feliz Co-Redemptora,  
E a saudosa turba mesmo vira,  
Com qual gloria, qual pompa aos Ceos subira:  
Vai dor Celestes córos rodeada,  
Maria em proprio corpo aos Ceos levada,  
Assim a eterna Corte se encaminha,  
Entre os Vassallos de quem he Rainha;  
Para o Throno eternal donde honras goza,  
De hum Deos de quem he Filha, e Mãi, e Esposa.

Havido entre os Apostolos conselho,  
Disposta a sementeira do Evangelho,  
Pedro, que aos Operarios presidia,  
O terreno em porções lhes repartia:  
E assigna a cada hum parte diferente,  
Para levar a Lei a estranha gente.

Do proprio sangue a preço , e propria vida ,  
A Doutrina de Christo he esparzida ;  
Jerusalem o berço foi da 'Igreja ,  
E a Cruz triunfa da infernal inveja.

Inda os Reis de Judéa seguiremos , -  
Porque do povo iniquo o fim contemos.

A'quelle Herodes impio Ascalonita ,  
Qu' a sagrada Familia trouxe afflicta  
Succede o soberbissimo Archeláo ,  
Cruel como seu Pai , como elle máo :  
Do furor deste monstro perseguido ,  
Jesus a Nazareth veio fugido :  
Sempre tigres a tigres se succedem ,  
E huns a outros na fereza excedem.

No ímpio throno o duro irmão se assenta ,  
Qu' ao Baptista ordenou morte cruenta ;  
Tambem Jesus morreo no seu reinaão ,  
E elle acabou a vida desterrado.

Agrippa , solto entáo dos duros ferros ,  
Ao Throno se seguio , e aos mesmos erros ;  
Fiz nos novos Christãos horrendo estrago ,  
Prendeo Pedro , matou a S. Tiago :  
E quando os lisongeiros escutava ,  
Quando huma Divindade se julgava ,  
Quando de aduladores bando immenso  
Sacriligo queimava hum vil incenso :  
De huma terrivel praga foi ferido  
De hediondos insectos corroido.

No tempo de outro Agrippa inda mais féro,  
 E dos seus erros defensor austero;  
 Aprouve ao grande Deos, Deos ostentar-se,  
 E em público triumpho acreditar-se.

Santo he a prova, Saulo a testemunha,  
 Qu' hum Deos em proprio crédito dispunha:  
 Vaidoso sabio, em erros vãos nutrido,  
 Não só co' a vez os tinha defendido;  
 Mas queria abrir campo ao proprio erro,  
 Co' a ponta aguda do affiado ferro:  
 He elle a quem se incumbe o castigar  
 Quem a Lei de Jeus visse abraçar:

Contra a Lei do Evangelho odio jurando,  
 E ameaço, e castigo transpirando;  
 Deste cruel poder auctorizado,  
 E de huma intame escolta acompanhado,  
 Feroz para Damasco se encaminha,  
 E a morte dos Christãos com elle vinha.

Zomba do seu furor o Deos tremendo,  
 De seu erro se esta compadecendo,  
 Ameaças em vão h-mem honrado,  
 Hum Deos te escolhe a mais feliz estado:

Sobre soberbo bruto a estrada piza,  
 Hum volver d'olhos tudo atemorisa:  
 Eis subito esplendor de luz o aterra,  
 Não se pôde soste,r, baqueia em terra.

Ressôa a voz tremenda que o assusta,

Voz que o argue de huma raiva injusta;  
 Saulo, lhe disse Deos, porque motivo.  
 Tu me persegues tão irôso e altivo?  
 Assim lhe falla hum Deos, que elle offendia,  
 Hum Deos que para si ja o escolhia:

Jaz tambem a cohorte e-pavorida,  
 Duvidosa entre si de morte ou vida:  
 O subito successo a tem confusa,  
 Nem ergue os olhos, nem das vozes usa.  
 Erguei-vos, tropa iniqua, hide, e contaí,  
 Qual veio o vosso chefe, e em fim qual vai,  
 Não he o mesmo o vosso Capitão,  
 Mudou a Lei, mudou o coração.

Saulo se erguêra á voz, que o determina,  
 E a cerviz dura humildemente inclina;  
 E huma trémula voz ao Ceo alçando,  
 Ao Ceo lhe dirigia perguntando:  
 Quem sois vós, ó Senhor, que obrastes isto?  
 E o Senhor lhe tornou: Saulo, Eu sou Caristo.

Saulo reconheceo a Divindade,  
 E a ella sujeitou sua vontade,  
 E mudado o rancor todo em respeito,  
 Segue de Deos o salutar preceito;  
 A Damasco, segundo lhe ordenára,  
 Mão alheia o conduz que elle cegara:

Depois de jejuar alli tres dias  
 O veio procurar jasto Annanias,  
 A quem Deos revelou esta conquista,  
 Qu' impondo as mãos lhe restitue a vista;  
 E Vaso de Eleição assim tornado,  
 Felo Santo Varaõ foi baptisado.

O que era ha pouco o féro, o ímpio Saulo,  
 He já o Santo, e o zeloso Paulo;  
 Entra em nova miſericia; em nova guerra,  
 Vai trabalhos soffrer de mar, e terra;  
 Ergue da Cruz o inclyto Estendarte,  
 De Jesus leva a Lei a toda a parte:  
 Declara guerra aos servos do demonio,  
 Ouve o Povo Romano, e o Thessalonio:  
 Aquella voz soou na Antiochia,  
 Que com respeito em Epheso se ouvia.

Ouvem Gálathas, ouvem Philippenses,  
 Ouvem Corinthios, ouvem Colossenses;  
 Falla, e escreve a estes, e aos Hebreos,  
 A estanhos Povos, a Patricios seus;  
 Bispos, e Padres sua voz ouviraõ,  
 Padres, por elle, e Bispos se instruíraõ.

Foi przo; foi ferido, e fustigado;  
 Seu zelo em nil trabalhos foi provado:  
 E, na força do ardor do zelo seu,  
 Sentio arrehatar-se ao quarto Ceo:  
 Grandes acções, prodigios portentosos  
 Enchêraõ os seus dias gloriosos:  
 Dias sempre na Igreja memorados,  
 E pelo cruel Nero em fim truncados.

A mudança de Saulo o Rei soubera,  
 Nem assim ao bom Deos reconhecêra  
 Se o não vãs procurar humilde, e amigo,  
 Ah teme, ó nescio Ágrippa, o teu castigo.

Vão Santas Escripturas completar-se,  
 E hum Justiceiro Deos marcha a vingar-se;  
 Povo ingrato, não he impune o agravo,  
 Vãs de alheios Senhores ser escravo.

Foi Agrippa o Rei ultimo em Judéa,  
 Passa o dominio a geração alheia;  
 Surge a discordia, as dissensões a seguem,  
 Nem já mais deixão que os Judeos socegum:  
 Da desordem fatal no vario trilho,  
 Nem poupa filho ao Pai, nem Pai ao filho.

Soberba, e ambição vem apostadas  
 A fazer estas gentes desgraçadas:  
 Da cruel guerra ao voraz lume accezo,  
 Jugo estranho se vê de enorme pezo;  
 E desgraça a desgraça succedendo,  
 Após de hum mal os outros vem correndo.

Roma já tem nas mãos reíca inimiga,  
 Com que doma os rebeldes, e castiga:  
 Já vejo a Águia, e o Pendaó Romano,  
 Já marcha perto o graó Vespasiano.

Na rouca trompa, e horisonos tymbales,  
 Ouço o pregaó dos seus extremos males,  
 Nem o Jordaó lhes vale de permeio,  
 Qu' ao ardor de vencer nada põe fieio.  
 Torreado Elefante, o vão seguindo,  
 Vai de Romulo ao Povo a estrada abrindo:  
 Já marca a areia airoso cavalleiro,  
 Co' o pé ferrado do animal guerreiro:

Nem as pezadas armas embaraço  
Aos que nas praxas a torrente passaõ.

Cede ao poder Judéa, e cede á fome;  
Do cetro vencedor respeita o nome.  
De fillos mortos vendo o campo cheio,  
Mastiga, e morde o estrangeiro freio.

Sopeza sobre a dura infida gente,  
A mão que estende o Deus Omnipotente;  
Do Deus que se lhe apraz para castigo,  
Arma de seu poder braço inimigo.

Os tres flagellos, guerra, fome, e peste,  
Sãõ o sinal da colera celeste:

Jo u alem, do lustre seu despida,  
Supplica em vão dos fillos seus a vida:  
Je emias crista vaticinára,  
Quando o seu justo pranto derramára.

A este Povo já cançado, e afflicto,  
Vem perder para sempre o grande Tito;  
O que he delicias de triunfante Roma,  
He o horror da Judéa a que se assoma:  
Deseja, mas não pôde refrear  
A raiva a licença militar:  
O mesmo Templo, que elle quiz guardado,  
Arde ao fogo que applica ímpio soldado.

A maldiçaõ de hum Deus se vio cumprida:  
Nada escapa: a Cidade he demolida:



O Povo, que de Deos já fôra amado,  
Pela morte de Christo he castigado:  
Em fugitivos bandos vai disperso  
A mendigar abrigo no universo,  
E sem fôrma de Povo vaga, e erra,  
Sem chefe, sem altar, sem lei, sem terra.

F I M.











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).